

Caramba!

Johannes

Heitere Kunst zu den
Jahrhundertfeiern
Brasiliens und Gutenbergs

Dieter Wurdak



Stauend konnten die Mainzer und ihre Jubiläumsgäste eine volle Woche lang im Hof des Gutenberg-Museums miterleben, was sich eine Hamburger Künstlergruppe zu Ehren des 600. Geburtstages des genialen Medienrevolutionärs Johannes Gutenberg ausgedacht hatte und nun in die Tat umsetzte: den größten Farbholzschnitt der Welt!

Vermutlich ist der brasilianischen Holzschneiderin Tita do Rêgo Silva die Idee zu verdanken, bei diesem Vorhaben zugleich der ersten Begegnung zwischen ihrer Heimat und Europa vor 500 Jahren zu gedenken.

Bei der bildlichen Wiedergabe der historischen Begebenheit musste die bekanntlich tendenziöse, ohnehin spärliche und zweifelhafte Aktenlage allerdings ein wenig hinter tieferen kulturgeschichtlichen Einsichten und mythologischen Sachzwängen zurückstehen – ganz abgesehen von der künstlerischen Freiheit. Wahr und unstrittig ist jeden-

falls die explosionsartige Ausbreitung der Buchdruckerkunst von Mainz aus in alle Kontinente.

Das Erste, was die Brasilianer von Europa entdeckten, war ein Schiff, das vor der Küste ihres bis dahin zeitlosen Tropenparadieses ankam. Damit wurde ihnen bewusst, dass sie nicht allein auf der Welt waren und dass nun die brasilianische Geschichte beginnen musste. Gutmütig oder gleichgültig sträubten sie sich nicht gegen die europäische Zeitrechnung, die bereits das Jahr 1500 schrieb beziehungsweise druckte.

Damals hielt es das brasilianische Empfangskomitee für angebracht, den Ankömmlingen die einheimische Zivilisation durch ihre praktische klimagerechte Kleiderordnung, den freundlichen Geist Exu aus dem Macumba-Kult und ein magisches, bei näherem Besehen als Druckpresse identifizierbares Gerät vorzuführen. Dies musste den Kapitän Pedro Alvarez Cabral (oder hieß er vielleicht doch Vicente Yanez de Pinzón?) gewaltig verblüffen, denn er verfolgte seinerseits zivilisatorische Ab-

sichten. Insbesondere hatte er Gutenbergs Erfindungen geladen, um mit ihrer Hilfe künftige, vorerst noch unentdeckte Untertanen der portugiesischen Krone durch gedruckte Rechtsverordnungen und fromme Texte erfreuen.

Weil einst trotz der umwälzenden neuartigen Medientechnik die Alphabetisierung Europas selber noch in den Kinderschuhen steckte, rief Gutenberg dem Schiff vorsichtshalber seine einzelnen Buchstaben dermaßen kräftig hinterher, dass sich die Segel nur so blähten, – übrigens sehr zu recht, wie wir heute wissen, denn nicht wenige ungebildete Europäer glaubten Wilde vorzufinden und sich bei diesen selber als solche benehmen zu sollen. Doch dies gehört schon zu einem anderen Kapitel...

Bei durchwegs günstigem Wetter konnten die Künstler meist unter freiem Himmel schaffen. Zuweilen drohten die Farben wegen tropischer Hitze fast an den riesigen Druckplatten festzutrocknen. Solcher Ansporn förderte

offensichtlich das Fortschrittstempo des zügig entstehenden symbolhaften Kunstwerks so gut, dass auch unzählige Interviews, geduldige Antworten auf Fragen des Publikums herumstolpernde Knipser und Filmer die für Samstagabend vorgesehene Finissage nicht aufzuschieben vermochten.

Wer vielleicht zum glücklichen Abschluss eine als höfliche Pflichtübung ablaufende Routineveranstaltung erwartete, geriet in ein kleines hochgestimmtes Fest, beseelt von inniger Freude der einzeln gewürdigten Künstler und Helfer am Gelingen, ihrem Aufatmen, ihrem „Seemannsgarn“ nach beträchtlichem körperlichen Einsatz, und von den an Herz und Verstand gerichteten Worten des Kulturdezernenten und des Druckladenleiters, die auch der Sponsoren dankbar gedachten. Das begeisterte Publikum genoss dazu Musik moderner iberischer Komponisten, von zwei jungen Damen durch Gesang und Marimbaphon so meisterlich vorgetragen, dass diese selten hörbaren Klänge auch ein wenig „saudade“ angesichts des nahenden Abschieds der Künstlerschar in die fröhlichen Gemüter zauberten.

Wäre es dem Welt-Jahrtausend-Mann Gutenberg vergönnt gewesen, die ihm dargebrachte außergewöhnliche Huldigung leibhaftig entgegenzunehmen, so hätte er sie möglicherweise mit einem abgewandelten Wort seines fast ebenso berühmten Nachbarn und Namensvetters Goethe kommentiert: „Dieser Farbholzschnitt ist ja ein Gleichnis! Ein Happening“ – hier wurd’s Ereignis!“ ■



Die Hamburger Künstler, nachdem ihr Holzschnitt durch Blau-Färben sichtbar geworden ist.



Die Hauptfigur Johannes Gutenberg – auf drei Bahnen Seide gedruckt.

Die Titelseite des im Bleisatz hergestellten Buches mit den Originalholzschnitten.

TitadoRêgo, Jahrgang 1959, Kunststudium in Brasília, arbeitet seit 12 Jahren in Hamburg. Mit ihren Holzschnitten verknüpft sie die Sujets des Macumba mit denen der modernen Welt.

Artur Peter, Jahrgang 1948, arbeitet in Hamburg seit 1972 in Lehre und Forschung über die Geheimnisse des Animationsfilms und der Druckgrafik: *Lebe wild und gefährlich!*

Christian Peter, jüngstes Mitglied, Jahrg. 1962, der „Schwarze Kunst“; Hang zum Holzschnitt (und Lehre vom Holz); Schiffsbilder, Hafensituationen, Spiel und Bewegung.

Klaus Raasch, Jahrgang 1960, Studium an der HBK Hamburg, 1984 Gründung der Buchdruckwerkstatt „Schwarze Kunst“ (mit Artur Dieckhoff). Künstler, Drucker und Ver-

leger; typografische Arbeiten, Holz- und Linolschnitte.

Hagen Zielke, Jahrgang 1950, Innenarchitekt, Lehrer für Raumgestaltung, Holzschnitte (*Störtebekers Schatz*) und Sammlungen zwischen typografischen Inseln und Ozeanen.

Natürlich haben die Künstler anlässlich des Gutenberggeburtstages ein Buch im Bleisatz mit Original-Holzschnitten produziert: *„Danke Johannes“*. Nichts zu danken.

Die Helfer:

- Marie Kirchner**, Kunststudentin
- Günter Poppborg**, freier Mitarbeiter des Museums der Arbeit
- Dr. Otto Marin**, Koordinator, Leiter des Druckladens am Gutenberg-Museum Mainz
- Hellmann Worldwide Logistics**, Förderer.



Dieter Wurdak

Caramba!

Johannes



Durante toda uma semana, o Museu Gutenberg ofereceu aos habitantes da cidade de Mainz e aos seus visitantes a oportunidade de apreciar e admirar um extraordinário trabalho artístico: a maior xilogravura em cores do mundo. Exposta no pátio do museu, a obra de arte é resultado de um projeto idealizado por um grupo de artistas de Hamburg em homenagem ao grandioso Gutenberg, o gênio que revolucionou a imprensa, em comemoração ao seu sexcentésimo aniversário.

A artista brasileira Tita do Rêgo Silva, cabe, provavelmente, o mérito de ter tido a idéia de celebrar nessa homenagem o primeiro encontro da sua pátria com a Europa, há 500 anos.

Na transposição visual desse acontecimento histórico, certas informações histórico-culturais, bem como certos imperativos mitológicos foram superestimados, em detrimento dos relatos da época, de sabido, tendenciosos, escassos e, de mais a mais, duvidosos. Isso, sem falar da liberdade artística, a respeito da qual, naturalmente, não se discute. Absolutamente verdadeira, porém, e indiscutível foi o grande impulso que teve a arte da imprensa, expandindo-se de Mainz para todos os continentes.

Um navio aportando nas costas do seu paraíso tropical, até então totalmente livre da cronologia histórica, eis a primeira coisa que os brasileiros viram ao descobrir a Europa. Foi então que se conscientizaram de que não eram os únicos no mundo e de que, a partir de então, iria ter início a história do Brasil. Mansos ou indiferentes, não se opuseram à contagem cronológica dos europeus, que, por ocasião do acontecimento, registravam ou digamos assim, imprimiam o ano de 1500. Na época, o comitê brasileiro de recepção achou conveniente apresentar aos recém-chegados a civilização local através de um regulamento que prescrevia vestimentas

práticas, adequadas às condições climáticas, assim como através do amável espírito de Exu, do culto da Macumba e de um objeto mágico, que, examinado mais atentamente poderia ser identificado como uma prensa. Isso, naturalmente, deve ter deixado pasmado o capitão da esquadra, Pedro Álvares Cabral (ou teria sido Vincente Yanez de Pinzón?), pois em relação à nova terra ele é que imaginava vir a civilizá-la. Um gesto especial de sua parte foi levar para bordo o invento de Gutenberg, com o qual pretendia, através de prescrições legais, bem como de textos religiosos, encher de júbilo futuros súditos da coroa portuguesa, ainda a serem descobertos.

Como na época, apesar das revolucionárias e inovadoras técnicas da mídia, a alfabetização da Europa ainda estava nos seus primórdios, Gutenberg, vendo o navio afastar-se, teve a precaução de cantar aos seus tripulantes as diversas letras do alfabeto, gritando com tal ímpeto que o seu fôlego fez inflar as velas das embarcações. Isso teve as suas razões, como sabemos hoje, pois não poucos europeus, indoutos, acreditavam não só deparar-se com selvagens como terem, perante eles, de comportar-se como tais. Isso, porém, é assunto para o próximo capítulo...

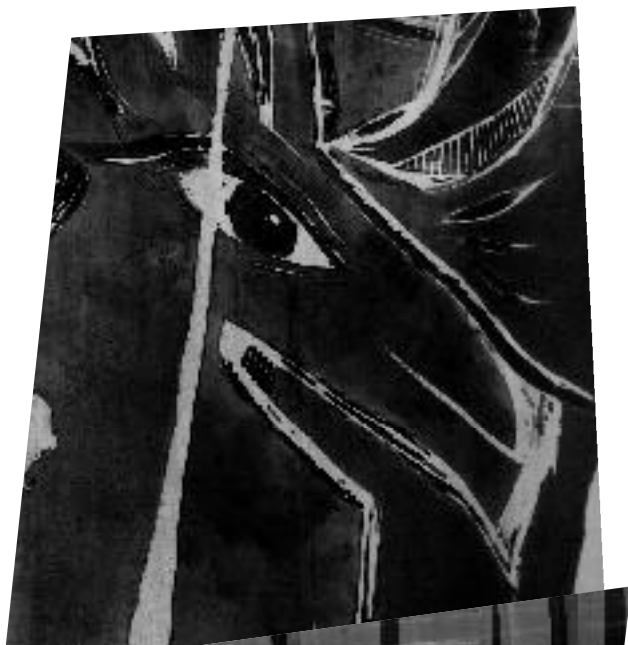
Sob condições climáticas mais ou menos favoráveis, os artistas puderam, a maior parte do tempo, desenvolver o seu trabalho ao ar livre. Houve momentos, porém, em que se temia que as tintas já secassem nas gigantescas pranchas, sob a ação de um calor sufocante, de características tropicais. Tal circunstância, contudo, veio obviamente dar tal impulso à fase final dessa obra de arte que, mesmo inúmeras entrevistas, respostas dadas pacientemente às numerosas perguntas por parte do público, bem como a presença de agitados fotógrafos e filmadores não chegaram a constituir empecilho à realização do vernissage, previsto para o sábado à noite, evento que viria coroar o final feliz de um tão grandioso trabalho. Quem, nessa noite

do final feliz esperasse talvez uma apresentação rotineira, um cumprimento formal e gentil do protocolo de praxe, extasiou-se com uma pequena festa, muito animada, e não pôde deixar de contagiá-la com a alegria de cada um dos artistas homenageados e de cada um daqueles que colaboraram para o êxito do evento. Igualmente contagiante foi também aquela outra alegria, aquela expressão de alívio por ter chegado ao fim aquela intensa atividade física. Agora, era hora das brincadeiras e das histórias do arco-da-velha. Não de menos influência nos ânimos dos participantes foram as palavras do responsável pelos assuntos culturais da cidade de Mainz e do chefe da tipografia do museu, os quais souberam, através de palavras que atingiram tanto a mente quanto o coração dos ouvintes, externar seus profundos agradecimentos também aos mecenas do projeto.

O público entusiasmado, pôde, além disso, deliciar-se com peças modernas de canto e marimba, de compositores ibéricos. As composições musicais, apresentadas por duas jovens artistas, foram de tal virtuosidade que provocaram uma transformação nos ânimos festivos do público, não habituado ao som de tão mavioso instrumento, despertando neles um certo sentimento de "saudades" diante da iminência da separação e da breve despedida do grupo de artistas. Então, à moda de "Määnz", a festa continuou até alta noite, com vinho e bretzel, em companhia dos artistas, colaboradores e organizadores.

Se Gutenberg, o Homem do Milênio, tivesse podido usufruir ao vivo a extraordinária homenagem que lhe foi prestada, possivelmente teria, parafraseando Goethe, o seu quase tão famoso xará da cidade vizinha, feito o seguinte comentário: "Esta gravura em madeira é uma parábola! Um 'happening', que aqui se tornou um evento!"

*Tradução: Miriam Moreira-Ackermann
miri_ma@hotmail.com*



Bilder im Uhrzeigersinn von oben rechts:

Die Druckplatten mit den brasilianischen Motiven nach dem Druck.

Tita nach dem erfolgreichen Druck ihres EXU.

Die Hamburger Künstler, nachdem ihr Holzschnitt durch Blau-Färben sichtbar geworden ist.

Diesen jungen Ausstellungsbesuchern schmeckt es vor so künstlerischem Hintergrund besonders gut.

EXU.

Die Hauptfigur Johannes Gutenberg – auf drei Bahnen Seide gedruckt.

